

CASAMENTOS PREMATUROS

Práticas que ensombram futuro da mulher africana

LUÍSA JORGE*

AS sociedades africanas não podem deixar que os conceitos e práticas culturais se tornem uma falsa propaganda que tem como alvo a desvalorização das capacidades da mulher.

Este foi um dos sentimentos trazidos pelas diferentes organizações de luta pelos direitos das raparigas no encontro entre Moçambique e África do Sul, para troca de experiência e luta contra o casamento precoce. Ainda no encontro, os participantes fizeram alusão à forma como as famílias dão prioridade à educação dos rapazes em detrimento das raparigas, usando como argumento o facto de que investir em uma mulher constitui um desperdício, porque o dever desta na sociedade é de fazer filhos e cuidar do seu lar.

Outra realidade que tem causado indignação e constituído barreira aos activistas africanos é o facto de o primeiro ciclo menstrual se



Moçambique e África do Sul juntam-se para reflectir à volta dos casamentos prematuros

tornar para os africanos sinónimo de que a criança já está pronta para ter uma vida sexual activa.

Na África do Sul, o rito tradicional denominado "Ukutwala", uma prática predominante da província de Kwazulu Natal, constitui uma das formas de violação dos direitos humanos. É feito por homens ou grupo de homens que raptam raparigas para obrigar as famílias

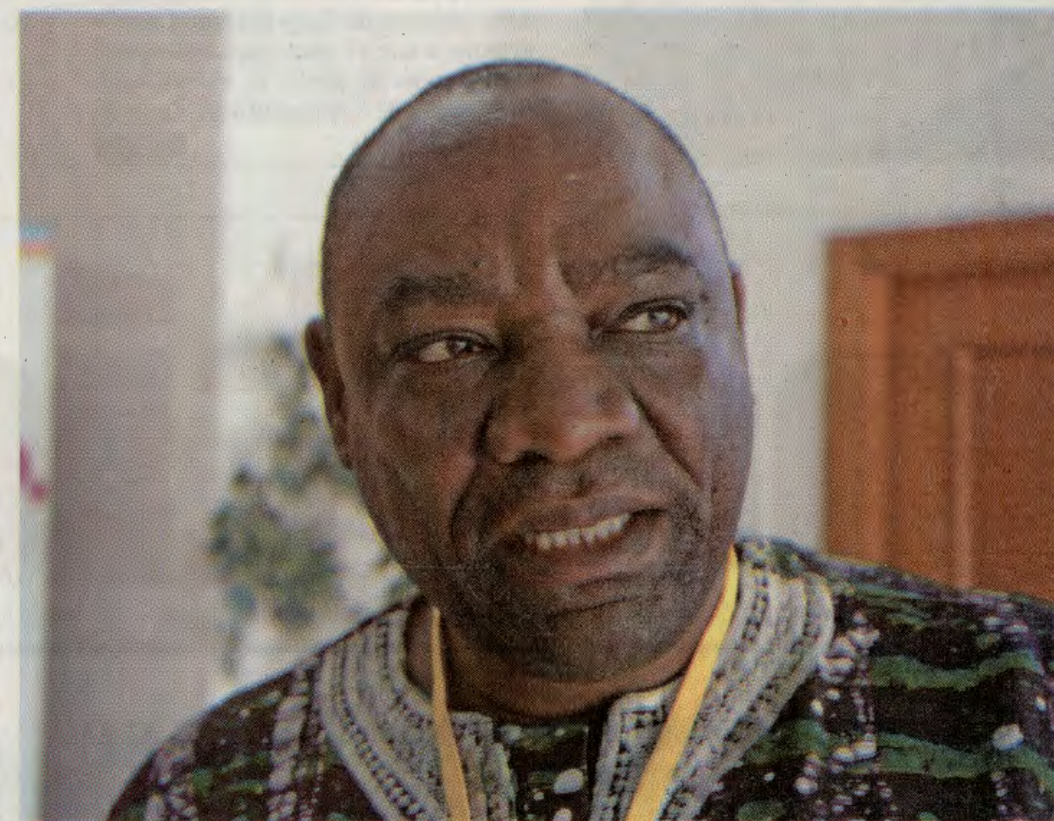
a aceitarem o casamento.

"Temos acompanhado com muita indignação nas comunidades a celebração do primeiro ciclo menstrual da criança pelos familiares. O que devemos mudar são as concepções culturais que são nocivas ao desenvolvimento saudável da rapariga", partilhou Pierrette Kengele, representante da organização Sonke Gender Justice,

uma organização que defende os direitos das crianças e encontra-se em dezassete países africanos.

De acordo com a nossa entrevistada, a violação dos direitos das crianças em África é assustadora. Na Etiópia, os hospitais e escolas estão cheios de crianças de 14 a 15 anos grávidas e seropositivas. "Elas não têm sequer o direito de saber do estado serológico dos

seus parceiros, que na maioria são adultos, antes de casar", disse Pierrette.



Menores usadas para pagamento de dívidas

– Albino Mussuei, COREM

O PASTOR Albino Mussuei, que representou a Coligação de Religiões em Moçambique, referiu, no encontro, que as crenças e hábitos tradicionais estão a expor as crianças e a sociedade e a própria comunidade ou sociedade. "Muitos menores são levados para pagamento de dívidas contraídas pelos familiares aos espíritos de curandeiros.

São tradições nocivas porque violam os direitos humanos, salientou. Mussuei fez referência também ao trabalho desenvolvido pela coligação religiosa através de um guião com catorze temáticas baseadas na bíblia e alcorão de protecção dos direitos das mulheres e crianças na área de saúde e nutrição.



Meninas espancadas por recusar sexo

– Pierrette Kengela, Sonke Gender Justice

PIERRETTE Kengela, activista da Sonke Gender Justice, disse que nos lares as raparigas sofrem muita violência física e psíquica. Para exemplificar recorreu a um caso que se deu na Etiópia. "Acompanhámos um caso de uma menina de 15 anos grávida que chegou à escola com hematomas. Disse que foi espancada porque se recusou a ter relações sexuais com o marido que chegou à casa embriagado e ela disse

que o médico recomendou-lhe cuidados porque a sua gestação era de risco", revelou Pierrette Kengela.

Na Etiópia, vinte crianças abandonam a escola por mês. Para esta activista é difícil falar de igualdade de género quando não se pode falar de educação. E no seu entender, por causa destes factos muitas menores estão a perpetuar a sua dependência, quer seja em relação ao marido quer seja aos pais e outros familiares.

Depois dos ritos as crianças pensam que já são adultas

– Henriqueta Paulo, Visão Mundial

SEGUNDO a activista Henriqueta Paulo, da Visão Mundial, em Nampula, a sua organização está a implementar no distrito de Nacarôa uma espécie de projecto-piloto de reformulação dos ritos de iniciação. No momento estão a trabalhar com as matronas escolhidas pelas comunidades que realizam os ritos tradicionais.

De acordo com Henriqueta Paulo, a Visão Mundial tem sensibilizado as matronas a separarem as idades e ter em conta este aspecto ao falar sobre a sexualidade nos ritos de iniciação. "Temos sensibilizado as matronas para que sejam submetidas ao rito de iniciação raparigas com o mínimo de 18 anos. E como os ritos são feitos em três fases, nomeadamente a primeira onde é falado sobre a higiene pessoal, na segunda é feito o aconselhamento e bons hábitos e, na terceira, o ensinamento sobre questões sexuais e matrimoniais", disse Henriqueta que mais adiante acrescentou que é mesmo nesta fase que temos sensibilizado as matronas porque depois as raparigas consideram-se adultas e não esperam pela vida adulta.

* Jornal "Domingo", especial para o "Notícias"

